

Medicina Tradicional Praticada por Benzedeadoras de Alta Floresta, Mato Grosso Traditional Medicine Practiced by Alta Floresta Community's Healers

Solange dos Santos¹
Germano Guarim Neto²

Resumo: Este trabalho, realizado de agosto de 2002 a janeiro de 2003, objetivou compreender a relação entre as benzedeadoras e a medicina tradicional na área urbana do município de Alta Floresta, Mato Grosso, com levantamento de informações sobre a utilização de recursos naturais, procedência dos mesmos, formas de uso e origem desse conhecimento. Os dados foram coletados junto a seis benzedeadoras, por meio de entrevistas orientadas por um roteiro semi-estruturado e observação participante. Realizou-se uma média de três visitas a cada benzedeadora com duração aproximada de duas horas cada uma e, quando possível, com a constatação *in loco* do biorecurso utilizado. Foram citadas 136 plantas usadas para fins medicinais, sendo a maioria exótica e espontânea, com pouca representatividade de nativas da região. A parte vegetativa mais utilizada é a folha para a confecção de chás, macerações, garrafadas e banhos, sendo o sistema corporal mais tratado o digestivo, seguido pelo genito-urinário e respiratório. Também foram citados dez animais com finalidade terapêutica, sendo a banha o biorecurso mais empregado e o sistema respiratório e osteomuscular os mais tratados. Esses conhecimentos, construídos historicamente na dinâmica social, tendem ao decréscimo tanto pela ocidentalização dos costumes como pela falta de interesse dos mais jovens.

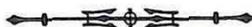
Palavras-Chave: Benzedeadoras. Medicina tradicional. Alta Floresta. Mato Grosso.

Abstract: This study, conducted between August of 2002 and January of 2003, aimed to understand the relationship between healers and traditional medicine in the urban area of Alta Floresta/MT, surveying information on the use of natural resources, origin of these resources, use and origin of such knowledge. The data were collected from six healers, semi-structured interviews and participant observation. An average of three visits per healers, with a duration of approximately two hours each, was conducted. When possible, the use of each bioresource was indicated during the interview. 136 plant species were cited to be used for medicinal purposes, most of them being exotic and spontaneous; few native plants of the region were mentioned. The most utilized plant part is the leaf for the preparation of teas, softeners (macerações), concoctions and baths. Digestive disorders were the most treated ailments, followed by genital-urinary and respiratory problems. Ten animals were also cited for therapeutic purposes, with fat being the most utilized bioresource and the respiratory and osteomuscular systems the most treated. This knowledge, historically part of the region's social dynamics, tends to decrease because of the westernization of customs constructed and the lack of interest of the younger generations.

Key Words: Healers. Traditional medicine. Alta Floresta. Mato Grosso.

¹ UFMT - Universidade Federal do Mato Grosso. Instituto de Botânica. Bióloga e Mestre em Ecologia e Conservação da Biodiversidade. (neadafbr@yahoo.com.br)

² UFMT - Universidade Federal do Mato Grosso. Instituto de Botânica. Departamento de Botânica e Ecologia. Professor Titular. (gguarim@terra.com.br)



INTRODUÇÃO

O *benzimento* é uma prática popular que foi e continua sendo bastante conhecida em áreas rurais e urbanas, destacando-se na primeira devido ao menor acesso das populações ao serviço convencional de saúde pública e particular. Caracteriza-se como sistema próprio de cura de diversos estados mórbidos, constituindo-se como sistema autônomo e artesanal dentro de um modo de produção capitalista, denotando a conquista e preservação de um espaço de resistência, uma demonstração de força, por pequena que seja, ao saber erudito (OLIVEIRA, 1985).

À guisa de melhor compreensão da trajetória histórica dos benzedores, torna-se necessário um rápido resgate histórico com base em Oliveira (1985), uma vez que, por ocasião da Idade Média (século VII ao XIV), o ofício atribuído à benzedora não se restringiu exclusivamente ao modo de cura que se vale de símbolos religiosos, mas sobretudo como meio de interferência no processo histórico-social, apesar dessa intervenção não se ter dado de modo crítico e consciente.

Com o Renascimento (séculos XV e XVI), corpo e alma passam a ser vistos separadamente, superando o enfoque mágico-religioso. Além disso, com o surgimento das clínicas médicas, aumenta a segregação entre ciência e cultura, ou seja, incorporam-se novas formas de controle social com a redefinição de valores e papéis sociais de grupos e classes distintas com vistas aos interesses econômicos e políticos. Mas esses espaços, socialmente reconhecidos como meios capazes de proporcionar cura e proteção tanto para o homem como para animais e plantas, permanecem ainda com autonomia frente a outras formas de soluções (OLIVEIRA, 1985).

Mas entre os séculos XVI e XVIII, a Igreja Católica detém o controle social por meio da instauração dos tribunais do Santo Ofício contra pessoas que

ousassem desafiá-la com crenças, curas, adivinhações, poderes sobrenaturais, o que era moralmente inconcebível, culminando com a punição dessas pessoas, que eram lançadas nas fogueiras da Santa Inquisição, uma vez que contestá-la ou resistir a ela, procurando outras formas de explicação das ações que se diziam ligadas à bruxaria e feitiçaria, representava ameaça, inconseqüência, insurgência tida como muito perigosa para os valores da época (OLIVEIRA, 1985).

No Brasil, a autora ressalta que fazendeiros enriquecidos às pressas com propriedades e comércio de café, principalmente na região do Vale do Paraíba, Campinas e Ribeirão Preto (SP), em nome da preservação dos bons costumes, conclamaram às autoridades, por meio de páginas policiais de jornais, o recolhimento de macumbeiros, mandingueiros, benzedoras, curandeiros vadios e desocupados, por exercerem ilegalmente a medicina.

A arte dos benzedores, curandeiros e xamãs foi herdada dos magos e feiticeiros de outrora. De acordo com Lévi Strauss (1962, p. 33), a magia não se restringe a uma *modalidade tímida e balbuciante* da ciência, uma vez que o pensamento mágico constitui-se um sistema bem articulado e independente daquele que compõem sistema que constitui a ciência moderna. Mas ao invés de opor ciência e magia, o autor sugere colocá-las em paralelo como duas formas de conhecimento, desiguais quanto aos resultados teóricos e práticos, mas semelhantes pelo gênero de operações mentais que ambas supõem, diferindo-se menos em natureza que em função de fenômenos aos quais se aplicam.

Desde os seus primórdios, a prática de *benzimento* tem se condicionado à medicina tradicional, pois as benzedoras geralmente utilizam plantas durante o ritual de *benzimento*, como pequenos brotos de arruda, alecrim, erva-de-Santa-Maria, hortelã e outros, dependendo do problema. Também é

comum a indicação de remédios³ como adjuvantes no tratamento de diversas doenças/sintomas de causas naturais e não-naturais (AMOROZO, 1996). Na relação benzedeira/planta, além da utilização prática, outra dimensão a ser considerada é a simbólica, com possibilidade de materialização de símbolos sagrados e profanos que envolvem o cultivo durante todos os períodos do ano (AMOROZO, 2002a).

De acordo com Almeida e Albuquerque (2002), trabalhos de cunho etnobiológico, relacionados ao uso de recursos biológicos por etnias de diferentes regiões, têm sido realizados, dentre os quais um dos campos mais desenvolvidos é o da etnobotânica. Por outro lado, estudos mais recentes dão mostras de que na interação cultura/natureza é notável o uso da fauna para fins medicinais em diferentes sociedades humanas e que, apesar dessa prática ser ainda pouco investigada no Brasil, sua utilização no tratamento de doenças humanas é bastante antiga (COSTA NETO, 1994; MARQUES, 1995 *apud* ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2002).

Trabalhos realizados com benzedeadas enfocando a utilização de recursos da biodiversidade parecem ser escassos, mas convém ressaltar Arruda (1983) *apud* Silva (1997), que enfatiza o conhecimento sobre plantas medicinais, e Amorozo (2002a), em estudo sobre o papel dos benzedeados e suas habilidades em Santo Antônio do Leverger/MT, ambos focalizando a importância desses atores sociais no contexto do qual fazem parte.

A arte dos benzedeados, curandeiros e xamãs pode ser vista hoje, em teste, nos laboratórios científicos, os quais passaram a avaliar experimentalmente a

veracidade destas informações, tendo em vista a descoberta de novos medicamentos, com base justamente nos conhecimentos que foram adquiridos durante milhares de anos e repassados de geração em geração por aqueles que são os ancestrais da ciência moderna (DI STASI, 1996b). Esse intercâmbio cultural do etnoconhecimento, produzido e mantido historicamente, demonstra até que ponto as interações entre ser humano e ambiente resultam em bem-estar próprio e até mesmo coletivo (TUAN, 1983).

Tendo conhecimento de que no município de Alta Floresta, Mato Grosso existem pessoas que desempenham funções de *benzimento* ou rezas com a finalidade de proporcionar ao benzido conforto físico e mental, objetivou-se compreender, ainda que de modo incipiente a interface benzedeadas / *benzimento*/benzido com a medicina tradicional na área urbana do município, com levantamento de informações sobre a utilização de recursos naturais pelas benzedeadas, formas de uso, procedência dos mesmos, bem como a origem desse conhecimento.

A ÁREA DE ESTUDO E AS INFORMANTES

O município de Alta Floresta, Mato Grosso situa-se ao extremo norte Mato-grossense, Amazônia Legal, distante aproximadamente 800 km da capital, Cuiabá. Apresenta uma área de aproximadamente 6.089,59 km² de superfície territorial, localizando-se geograficamente entre 09°53'S de latitude e 56°05'W de longitude. A altitude varia entre 250 a 450 m acima do nível do mar, sendo que o seu núcleo

³ De acordo com Di Stasi, (1996a), o termo remédio expressa e refere-se de modo amplo a qualquer processo ou meios usados com a finalidade de cura ou prevenção de doenças, incluindo tanto o medicamento ou uma espécie vegetal com efeito medicinal, como agentes físicos e psíquicos utilizados em um procedimento terapêutico. De natureza psíquica, incluem-se os procedimentos básicos úteis na relação médico-paciente até a utilização de um benzimento, uma oração ou qualquer procedimento voltado para obter cura ou tratamento.

⁴ As referências ao gênero feminino ao longo deste estudo justificam-se pela ausência de pessoas do gênero masculino desempenhando o ofício do *benzimento* na amostra estudada.

urbano está a 340 m. Ao norte limita-se com Novo Mundo e Paranaíta, ao sul Tabapoã e Nova Canaã do Norte, a leste Novo Mundo e Nova Guarita e a oeste Nova Bandeirantes e Nova Monte Verde.

O processo de colonização do município é caracterizado pela ocupação da região norte-matogrossense, impulsionado pela política do Governo Federal, lançada na década de 70, com a implementação de um Programa de ocupação da Amazônia a fim de preencher os espaços vazios e expandir a fronteira agrícola do país.

O sonho de adquirir grandes quantidades de terras férteis e isentas de geadas por baixos preços e boas condições de pagamento atraíram um grande número de famílias da região Sul do país para o extremo norte de Mato Grosso, iniciando assim a colonização dessas terras, incluindo o município de Alta Floresta, que inicialmente era Distrito de Aripuanã, tendo se emancipado politicamente em maio de 1970.

No entanto, conforme Rosa (1999), com apenas três anos de existência Alta Floresta é tomada por garimpeiros de todas as regiões e isso fez com que alguns colonos abandonassem a região e outros abandonassem as atividades agrícolas para se dedicarem ao garimpo. O auge do garimpo na região deu-se basicamente na década de 80 e com o enfraquecimento do mesmo muitos garimpeiros deslocaram-se para outras regiões auríferas, ao passo que outros aqui constituíram famílias e integraram-se a atividades agropecuárias.

O encontro de garimpeiros e colonos provocou um choque cultural que caracteriza atualmente Alta Floresta como município portador de grande diversidade cultural, diferentemente de outros municípios do norte de Mato Grosso, como Sinop e Sorriso, por exemplo, que foram colonizados essencialmente por sulistas (ROSA, 1999).

As atividades econômicas mais importantes da região são a extração de madeira e a agropecuária, que

carregam consigo a saga da degradação ambiental, caracterizada principalmente pelos indiscriminados desmatamentos, seguidos na maioria das vezes pelas queimadas que trazem em seu bojo a idéia equivocada do desenvolvimento. Destacam-se, ainda, a piscicultura, comércio, indústria e mais recentemente o ecoturismo (SANTOS, 2004). O garimpo já provocou sérios danos ao meio ambiente, degradando os solos e poluindo os lençóis freáticos e rios.

As benzedeiros envolvidas neste estudo evidenciam a diversidade cultural da população de Alta Floresta, que segundo Bandeira (2004) relaciona-se a todos os aspectos da realidade social dos indivíduos, distintos e capazes de criar e desenvolver modos diversos de viver, ser e existir dentro da sociedade. Assim, a diversidade marca as diferentes características regionais, diferentes manifestações, diversas formas de organizações sociais, bem como a relação com a natureza e crenças, incluindo a prática de *benzimentos*.

No que concerne à população estudada, trata-se de senhoras de classes populares, que conciliam diariamente os afazeres domésticos e a *benzeção*. Destas, apenas uma é viúva, as demais são casadas, têm filhos e apresentam idade superior a 42 anos. Apenas duas não são alfabetizadas e o tempo de exercício na função varia entre 30 e mais de 50 anos. Nenhuma é natural de Mato Grosso, mas do Sul, Sudeste e Nordeste Brasileiro (Figura 1).

Todas nasceram em áreas rurais, sendo que a maior parte de suas vidas compreende a permanência no campo, tendo migrado para a zona urbana em função do êxodo rural que marca a história de muitos brasileiros a partir das décadas de 70 e 80.

O processo de migração das benzedeiros e seus familiares para Alta Floresta, assim como da maioria da população alta-florestense, relaciona-se aos ideais governistas da década de 70, que incentivaram a população de estados do Sul e Sudeste a ocuparem terras da Amazônia brasileira. Dessa forma, nota-se

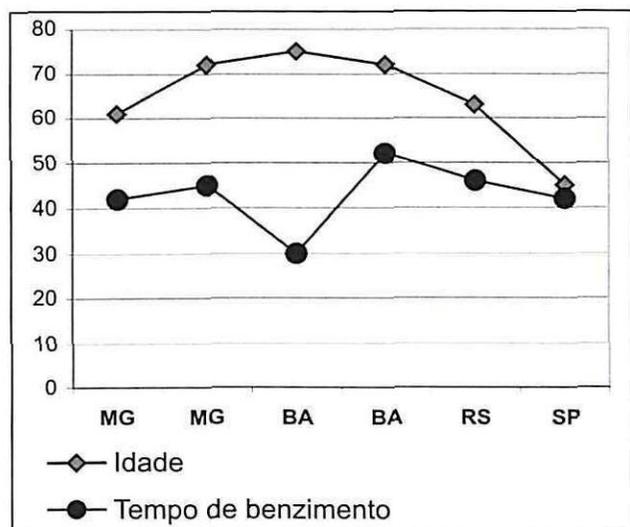


Figura 1. Estado de origem, idade e tempo de *benzimento* da população pesquisada.

que a diversidade cultural da população alta-florestense reflete-se também no caso específico das benzedeadas abordadas neste estudo.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O presente trabalho enquadra-se nos pressupostos de uma pesquisa qualitativo-descritiva com abordagem Etnobiológica que, de acordo com Posey, Hanazaki e Silvano (1986), constitui-se em estudar o papel que a natureza exerce no sistema de crenças e de adaptação do homem aos diversos ambientes, relacionando-se com a ecologia humana, ressaltando as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo. Já para Berlin (1992), trata-se do estudo que investiga a relação das sociedades humanas com as plantas e os animais, tanto no presente como no passado. Begossi *et al.* (2002) caracterizam a Etnobiologia como área de interface com as Ciências Biológicas ocupando-se das diferentes pressões ambientais e das interações entre populações humanas e ambiente.

Para a coleta dos dados empíricos utilizaram-se técnicas de entrevistas semi-estruturadas e

observação participante com registro em diário de campo durante e após os relatos, gravação das entrevistas em fita cassete quando devidamente permitido pelo informante e registros fotográficos, como salientado por Viertler (2002).

O guia de entrevistas abordou informações relativas às entrevistadas, como aspectos socioeconômicos, uso de recursos da biodiversidade com finalidade medicinal com ênfase nas espécies utilizadas, abordando formas de uso, parte utilizada, preparo, indicações e origem do conhecimento.

O período de realização da pesquisa compreende agosto de 2002 a janeiro de 2003, tendo como informantes seis benzedeadas residentes na área urbana de Alta Floresta, sendo que a escolha das mesmas deu-se com base em estudos exploratórios (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; TRIVIÑOS, 1987), mediante informações de populares residentes nos bairros que indicaram a presença ou não de benzedeadas na localidade.

Realizaram-se pelo menos três visitas às residências de cada benzedeadas em dia e horário pré-estabelecidos pelas mesmas, a fim de interferir o mínimo possível em suas atribuições domésticas diárias. As visitas tiveram duração aproximada de uma a duas horas e meia, com observação *in loco* do espaço utilizado para a *benzeção* e dos biorecursos utilizados no ato e pós-*benzimento*, sempre que possível.

A RELAÇÃO ENTRE BENZIMENTO/DOM

Cada benzedeadas tem sua história de vida balizada pela percepção do "dom" para a *benzeção*, ocorrido espontaneamente, em geral diante de situações de necessidade ou através da aparição daquilo que denominam "guias". As primeiras experiências como benzedeadas são embebidas de significado pessoal e constituem-se como um marco na vida das mesmas. A prerrogativa do "dom" para tornar-se uma benzedeadas foi também constatada por Amorozo (2002a) em

estudo realizado em Santo Antônio do Leverger, Mato Grosso. A recordação de como e quando aprendeu a benzer traz à tona elementos que parecem fugidos no passado, revividos com a lembrança.

(...) olha, eu não acreditava, chegou um velhinho de roupinha branca na beira da minha cama e ele explicou pra mim que eu tinha que começar a benzer, a começar a fazer o bem, tudo! E eu digo, benzer, mas benzer o quê? E eu não esquecia o que ele me ensinava não; ele falava e aquilo gravava na minha cabeça; aí chegava na outra noite de novo aquele velhinho de roupinha branca (...). Aí eu fiz o primeiro benzimento, mas sem fé porque eu nunca tinha benzido, aí chegava criança chorando, ruim e aí eu comecei, eu benzia e fui cada vez mais aprendendo mais (...) agora, só não sei é fazer o mal, o mal eu não faço mesmo e não quero saber, mas para ajudar o próximo tá comigo, pode me procurar (V. P).

O fato de ter se tornado benzedeadora parece estar relacionado, na maioria dos casos, a necessidades pessoal e familiar, com auxílio de pessoas próximas, como a mãe ou avó, que já desempenhavam tal função; outras vezes aparece de forma espontânea, através do desejo, que com as primeiras experiências revela-se eficiente aos olhos do grupo social que o torna fortalecido pela confiança que vai sendo depositada às rezas, bênçãos e indicações terapêuticas feitas pelas benzedeadas.

Uma das informantes relata que quando teve o primeiro filho precisou levá-lo a uma benzedeadora, mas como era muito distante, e diante da impossibilidade de retorno por três dias consecutivos, a benzedeadora disse-lhe que ela mesma poderia benzer o filho, que o efeito seria o mesmo, então (...) *"vim pelo caminho falando aquela oração que ela me ensinou e nunca mais esqueci. Benzi meu filho e continuei benzendo; as outras orações fui aprendendo aos poucos com minha mãe, que me ensinou rezar prá outros males"* (M. M.). Isso denota que o aprendizado relativo ao benzimento pode ser ensinado e aprendido livremente, desde que haja interesse e consenso entre as partes, podendo ser aprendido com mais de uma pessoa, de acordo com o contexto de situação, com possibilidade de livre circulação das rezas e orações.

Uma das benzedeadas, ao relembrar sua iniciação no benzimento, recorda a importância da avó:

"Minha avó benzia, fazia garrafadas para homem, mulher (...), ela benzia roça com gafanhoto, benzia os três cantos da roça e quando ela saía os bichos sumiam todos. Ela sabia muitas orações, como, por exemplo, para invultar-se e invultar outras pessoas também, mas essa oração eu não aprendi porque na época era muito criança. Ela benzia também para estancar sangue, matar bicheira e mordida de cobra." (M. L. J.)

Uma vez que o benzimento relacionado à magia de outrora, é importante ressaltar, com base em Lévi-Strauss (1962, p. 55), que mitos e ritos decompõem e recompõem conjuntos de acontecimentos nos planos psíquicos, sócio-histórico ou técnico e deles servem, pelos arranjos estruturais que exercem o papel de fins e meios. Assim, pode-se inferir que a prática do benzimento tem sido transmitida de uma geração para outra, produzida no seio de uma cultura, constituindo-se como a possibilidade de superação de doenças e males físicos e psicológicos que afligem o ser humano.

A fala das benzedeadas evidencia a erosão dos conhecimentos tradicionais tal qual enfocam Lima et al. (2000), uma vez que, na estratégia de manutenção do saber tradicional, dois fatores são preocupantes: a idade avançada de seus detentores e a "ocidentalização" dos costumes, que estimulam os mais jovens a desprezar o etnoconhecimento, atraídos pelos valores urbanos. Neste contexto, a erosão do conhecimento tradicional relaciona-se diretamente a aspectos da medicina tradicional, como rezas e benzimentos, pois as informantes deixaram claro que as pessoas de hoje já não têm o mesmo interesse em apreender essas práticas. As benzedeadas não mencionaram benzimento de animais, plantações ou mesmo plantas individuais e apenas uma delas disse realizar benzimento e trabalhos conjuntamente para abrir o caminho de pessoas mal sucedidas na vida.

CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS BENZIMENTOS

A *benzeção*, como forma de produzir cura e proteção ao homem, permanece autônoma e revela a forma pela qual uma sociedade produz culturalmente estratégias e meios próprios de resolver seus problemas de saúde física e mental. Sua existência e a inserção dos atores sociais nesse espaço constitui-se em fazer social que acompanha um grande número de pessoas que dão bênção e se benzem em nossa sociedade: parentes, amigos, compadres, paroquianos e profissionais da bênção, não estando esses últimos ligados a nenhuma igreja ou agência religiosa específica, mas benzem em suas casas (OLIVEIRA, 1985) ou em espaços próprios, criados para essa finalidade.

O *benzimento* de crianças é a modalidade mais procurada, no entanto, benzem-se pessoas de todas as idades e classes sociais, almejando a cura de doenças e sintomas considerados por Amorozo (2002a) como de ordem natural e não-natural. Os *benzimentos* mais comuns⁵ são para tratar de dor-de-dente, dor-de-cabeça, mal-de-simioto, espinhela caída, picada-de-cobra, mau jeito, destroncado, quebrante, ar-no-sangue, machucadura, cobreiro, umbigo, erisipela, lombriga assustada, susto e mau-olhado, o que converge com a prática de *benzimentos* realizados em outras partes do Brasil (MAUÉS, 1977; WAGLEY, 1988).

A exemplo da constatação de Oliveira (1985), em estudo sobre as benzedeadas de Campinas, SP, existem as generalistas quanto ao seu ofício:

"eu benzo tudo, tudo, às vezes chega criança com minguá eu benzo, mulher ou gente grande com erisipela, quebrante, mau-olhado, a única coisa que não faço é mal, o mal eu não sei fazer e não quero fazer, mas sendo pra ajudar o próximo, eu ajudo" (V. P.).

Outras reconhecem, de certa forma, a especialização do seu trabalho com relação a uma determinada clientela (...) *"sou mais procurada para benzer crianças de todas as idades que as mães pedem; benzo mais de lombriga assustada, susto, mau-olhado e quebrante que é a mesma coisa que usura"* (M.L.J e D.G.). O encaminhamento de cada profissional à *benzeção* revela sua formação religiosa e sua visão de mundo e, neste ato, revitaliza determinados símbolos sagrados que estão imbricados na produção social de vida e relação entre as pessoas (OLIVEIRA, 1985).

Todas as benzedeadas fizeram questão de ressaltar que são católicas, com devoção a santos e imagens evocados pelo catolicismo, salientando que seus *benzimentos* têm efeito apenas para o bem, o que subentende a existência de outros voltados para o mal, apesar da ênfase de que não praticam tal modalidade.

Tradicionalmente, a figura das benzedeadas podem ser remetidas a feitiços e bruxarias, no entanto, durante o desenvolvimento deste estudo não se constatou registros teóricos ou empíricos dessas acusações na área estudada. Uma benzedeadas, por ocasião das entrevistas, recitou trechos bíblicos que, segundo a mesma, fundamentam o conceito que possui de *benzeção*, saúde e doença, enfatizando sempre o valor da fé tanto da benzedeadas quanto do benzido na obtenção das curas, o que reafirma que o *benzimento* da mesma relaciona-se ao bem.

Benzer é algo que se faz para outrem, independente de cor, raça e classe social, e para a maioria das entrevistadas não se pode cobrar, pois, presume-se que o poder não é de quem benze e sim de uma entidade divina:

"Num benzimento a gente pede para pessoa se recuperar (...) não cobro nada pra benzer porque a gente não pode vender as palavras de Deus" (M. L. J.).
"Tem muita gente que cobra até benzimento, eu não, eu não cobro as palavras de Deus não é vendida; eu

⁵ Os tipos de benzimento são descritos com base na nosografia das informantes (Anexo 3).

cobro se precisar uma garrafada porque daí eu gasto, as garrafadas eu cobro porque gasto prá fazer, daí tem que cobrar” (V. P.).

Assim, o tributo do *benzimento* apresenta conotações altruísticas, cunhado na satisfação de ser útil a alguém: (...) “*Chega uma mãe com uma criança e eu benzo, ensino um chazinho e isso me deixa muito satisfeita de fazer o bem para os outros*” (M.L.J.). Apenas uma das benzedeadas disse cobrar pelos *benzimentos*, exceto os realizados às sextas-feiras, pois “*tem muita gente que vem benzer sem necessidade e atrapalha de cuidar de casa*” (D.L.), citando casos de mães que levam os filhos para serem benzidos e quando ela indaga sobre o que a criança tem, a mãe diz que não tem nada, “*só levou para benzer porque gosta que o filho seja benzido*”.

Quando após o *benzimento* é necessário o uso de remédios que necessitem de preparo especial ou que seja preciso encomendá-lo, como xaropes, garrafadas e outros, costuma-se cobrar pelos custos dos mesmos. Também é comum as pessoas agradecerem os *benzimentos* ofertando pequenos presentes que podem ser recebidos indiscriminadamente. No que se refere a dias e horários destinados a uma prática, existem critérios a serem seguidos, justificados por outras atribuições e pelo cansaço físico e mental decorrente desta atividade. Uma entrevistada disse não benzer ao meio dia, por ser um horário “forte”, e que a partir das seis horas da tarde não benze com ramo verde e sim com uma vela acesa. Parece haver aí uma ligação entre algo que ocorre no plano intelectual e simbólico, carregado de subjetividade e incontestável (BERKES, 1999 *apud* NORDI *et al.*, 2001).

RECURSOS DE ORIGEM VEGETAL UTILIZADOS NO CENÁRIO DA BENZEÇÃO

A descoberta de efeitos terapêuticos das plantas encontram-se associados a inúmeras práticas, como o uso de amuletos, a cura por meio de orações ou

benzimentos, rituais africanos e indígenas e outros que muitas vezes, por meio de seu componente empírico, seleciona e incorpora espécies de plantas medicinais eficazes.

Estes exemplos caracterizam a relevância não apenas dos magos, bruxos, feiticeiros e alquimistas, mas também do conhecimento disseminado por toda a população, contribuindo amplamente para o conhecimento da natureza, além de fornecer subsídio básico e valoroso para a seleção de plantas medicinais e para estudos detalhados com vistas a obtenção de novos medicamentos (DI STASI, 1996b).

Trabalhos realizados com benzedeadas (MAUÉS, 1977, WAGLEY, 1988, AMOROZO, 2002) evidenciam que os vegetais destacam-se entre as demais possibilidades de alternativas medicinais, o que não foi diferente nesse estudo. As plantas ocupam lugar de destaque nos rituais de *benzimento*, que geralmente tem início com a benzedeadas segurando:

(...) “um raminho verde de arruda ou algum outro (...) porque tem o poder de expulsar o problema da pessoa e também prá não passar prá outra pessoa e para a própria pessoa que benze” (D. M.) “Não pode benzer sem o galhinho verde porque ele puxa o problema da pessoa: pode ver que no primeiro dia de benzimento o galho fica murcho, no terceiro dia ele murcha mas já é bem menos” (M. L. J.).

Assim, as plantas são utilizadas em sua dimensão simbólica como portadoras de poderes mágico-religiosos.

A arruda foi indicada como o vegetal de maior importância no *benzimento* porque (...) “*já tem o poder de curar as coisas, arruda cura muitas coisas*” (D. M.). No entanto, outros vegetais também são usados “*(...) para benzer machucadura e erisipela, vou cortando uma folha de babosa ou um talinho de mamona enquanto benzo*” (M. L. J.). Mas dependendo do sintoma/problema, o ritual diferencia-se, podendo-se utilizar outros utensílios: “*machucadura eu benzo com uma agulha virgem enquanto vou costurando um retalho que precisa ser virgem*” (M. L. J.).

Duas das entrevistadas não utilizam "ramos verdes" para efetuar os *benzimentos*, mas uma delas usa um dente de alho porque "*o alho é contra muita coisa, né, ele é muito forte, ele serve de proteção*" (D. L.), confirmando a crença popular em efeitos mágico-religiosos dessa planta. Outra, ao contrário das demais, não utiliza vegetal nos *benzimentos* e reza em voz alta para que a pessoa ouça a oração.

As benzedeadas são detentoras de uma variada gama de conhecimentos relacionados à utilização de recursos vegetais que atuam como adjuvantes no tratamento dos sintomas tratados. A indicação de uso de plantas, bem como o preparo das mesmas, dá-se de acordo com cada caso, havendo aqueles em que o *benzimento* por si só atinge o efeito desejado.

Em geral, as plantas são preparadas em forma de chás, macerações, banhos e garrafadas, sendo estas últimas confeccionadas pelas próprias benzedeadas, mediante pagamento. Uma delas afirma ter maior segurança e preferência na indicação de garrafadas, pois "*eu mesma faço as garrafadas e dou porque daí eu sei como é que fiz, como é prá dar e prá que é, daí eu sei que dou um remédio que é certeza*" (V. P.).

Das plantas indicadas pelas benzedeadas, poucas são cultivadas em seus quintais, sendo que das plantas exóticas destacam-se o alecrim, arruda, guiné, boldo, hortelã e espada-de-São-Jorge. A maior parte das espécies é típica de outros ecossistemas, como do Cerrado e da Caatinga que, uma vez adquiridas, são armazenadas e conservadas em vidros e embalagens plásticas para posterior uso. Dessa forma, os fitoterápicos⁶ podem ser adquiridos junto à própria benzedeadas, raizeiros, ervateiros, diretamente no campo, na vizinhança e, em último caso, através de encomendas de outros estados.

O Anexo 1 apresenta as plantas citadas como medicinais, utilizadas pelas benzedeadas no cotidiano de suas atividades, sendo que a maioria constitui-se em espécies exóticas e espontâneas. As primeiras foram inseridas no contexto brasileiro nos primórdios da colonização, principalmente pela influência de europeus e escravos africanos que trouxeram consigo espécies e variedades de plantas amplamente utilizadas em seus locais de origem. No entanto, convém ressaltar que, internamente, em decorrência dos processos migratórios, essas plantas acompanham as pessoas de um estado para outro, fato constatado por Santos (2004), que verificou nos quintais de Alta Floresta maior número de plantas exóticas, as quais retratam diretamente a origem dos informantes que, vindos de outras regiões, trouxeram consigo plantas e usos ligados a seu contexto sociocultural. Já as plantas espontâneas são facilmente encontradas, pois crescem livremente em ambientes naturais e modificados pela ação antrópica.

Apesar da grande potencialidade medicinal das plantas da Amazônia, poucas espécies nativas da região foram citadas (REVILLA, 2000, GUARIM NETO, 1997), o que reflete a necessidade de maior conhecimento da população local sobre a flora circundante. Possivelmente, a aquisição desse conhecimento dar-se-á gradativamente, a medida em que informações culturais sobre o uso de plantas típicas da região começarem a fazer parte do acervo sociocultural das informantes.

Por outro lado, espécies do Cerrado (barbatimão, mangava-brava, nó-de-cachorro) e da Caatinga (Caruru, Imbé, imburana, palma) foram vastamente citadas, o que remete à origem sociocultural das informantes. A disseminação de conhecimentos fitoterápicos nesta região é significativa e dinâmica.

⁶ Designação dada a todo medicamento manufaturado obtido exclusivamente de matérias-primas ativas vegetais, com a finalidade de interagir com meios biológicos, a fim de diagnosticar, suprimir, reduzir ou prevenir estados e manifestações patológicas, com benefício para o usuário. Produtos que apresentem a adição de substâncias ativas de outras origens não são considerados produtos fitoterápicos, segundo Portaria nº 123 da Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde de 19/10/94 *apud* Bragança, 1996.

o que, de acordo com Amorozo (2002b), pode ser caracterizada pelo contato intenso da sociedade com migrantes, o que possibilita a entrada de espécies novas na área bem como outros usos para as já existentes, abrindo um leque maior de diversidade de espécies que passam a ser conhecidas e utilizadas medicinalmente.

A parte vegetativa mais usada no preparo dos remédios são as folhas (Figura 2) para confecção de chás, macerações, garrafadas e banhos, mas (...) *"dependendo do problema recomendo chá das folhas, da casca, raiz, flor, broto e até garrafada"* (V.P.). Apesar disso, existem casos em que se indica o uso de toda a planta, como o caruru, picão, agrião e outras.

Atualmente é causa de preocupação de diversos pesquisadores a falta de plano de manejo na coleta de plantas medicinais das quais se utilizam principalmente a raiz e as cascas, pois, geralmente, as técnicas predatórias de obtenção do produto ameaçam as populações nativas, dentre as quais o barbatimão (casca), o nó-de-cachorro (raiz), que são comercializados em todas as partes do país. A falta de planejamento da coleta desses recursos pode culminar com o desaparecimento dos mesmos em curto espaço de tempo.

As plantas foram citadas para vários sistemas corporais, com destaque para as afecções do sistema digestório e genito-urinário, seguidos pelo sistema respiratório, doenças do sangue e órgãos hematopoéticos e da pele, com pouca representação das outras categorias (Figura 3).

De acordo com Almeida e Albuquerque (2002), os transtornos mencionados com maior frequência relacionam-se com a natureza das doenças que mais atingem a população.

As categorias levantadas nesse estudo assemelham-se, parcialmente, à constatação de Amorozo (2002b), que, em estudo sobre uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, Mato Grosso, elencou maior número de espécies indicadas para doenças do aparelho digestivo e respiratório seguidas do aparelho genito-urinário.

Difere-se, no entanto, aos dados de Almeida e Albuquerque (2002), que, estudando o uso e conservação de plantas e animais medicinais junto aos raizeiros na cidade de Caruaru, Pernambuco, Brasil, demonstraram que o número de citações de espécies usadas para transtornos do sistema circulatório, sistema respiratório, afecções e dores

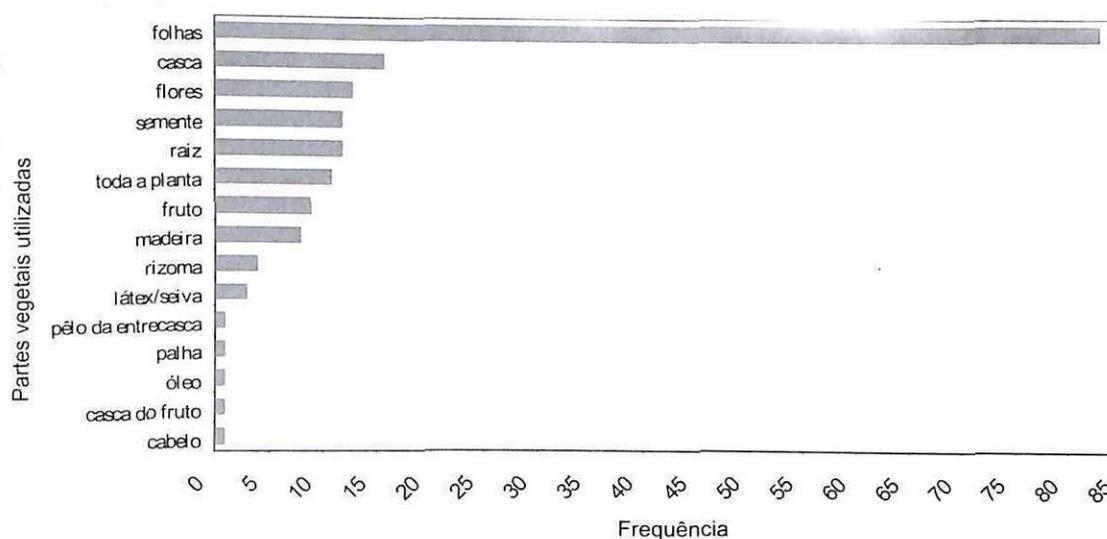


Figura 2. Frequência das partes vegetais utilizadas no preparo de remédios.

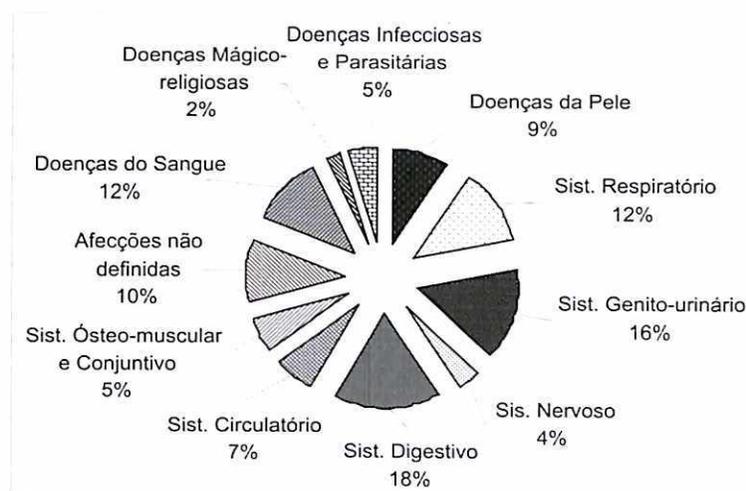


Figura 3. Distribuição das plantas usadas como medicinais, segundo sistemas corporais.

indefinidas, sistema genito-urinário e transtornos do sistema digestivo foram os mais freqüentes. Os referidos autores justificam que os transtornos com maior número de citações referem-se àqueles que acometem a população com maior intensidade.

Apenas seis plantas de conotação mágico-religiosas foram citadas, considerando-se aquelas usadas também no ato da *benzeção*, como arruda, babosa e alho, bem como as que se constituem a essência dos chamados banhos de descarrego, por exemplo, a espada-de-São-Jorge, manjerição e guiné.

O USO DE ANIMAIS COM FINALIDADE MEDICINAL

Constatou-se que as benzedeiças costumam indicar, de acordo com o caso, a utilização de parte de alguns animais ou insetos para fins terapêuticos, embora essa indicação seja menos freqüente se comparada às plantas. Foram citados dez animais, alguns apresentando grande versatilidade quanto ao uso, como a galinha, da qual se pode usar a banha, a pena, o sangue e os ossos para sistemas corporais diferentes (Anexo 2 e Figura 4).

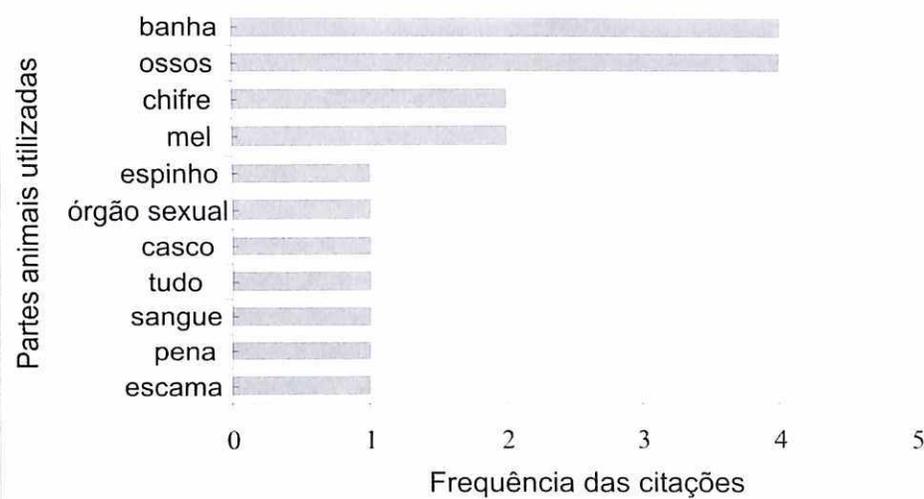


Figura 4. Frequência da parte animal usada pelas benzedeiças como medicinal.



Apesar do registro de poucas espécies animais para uso medicinal, a zooterapia geralmente implica em pressões adicionais sobre populações que se encontram em risco de extinção, isso porque, na maioria das vezes, a extração do produto medicinal exige o abatimento do animal (ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2002). Neste estudo, o uso do sangue da crista do galo, o mel de jataí e a pena de galinha não exigem que o animal seja abatido. As demais, dentre elas as espécies nativas, precisam ser abatidas para a obtenção do recurso.

O sistema corporal que se destacou foi o respiratório e osteomuscular, coincidindo com a constatação de Costa Neto (1994), citado por Almeida e Albuquerque (2002), de que os animais são mais freqüentemente prescritos para problemas respiratórios, como bronquites e asma. No entanto, esses dados diferem-se dos obtidos pelos autores citados, que, em estudo sobre o uso de animais na feira de Caruaru, verificaram que naquele contexto o sistema corporal mais tratado pela zooterapia é o sistema digestivo, seguido pelo respiratório e, por fim, o osteomuscular e do tecido conjuntivo.

CONCLUSÃO

As benzedeadas são pessoas simples da comunidade que prestam imensurável contribuição ao grupo social do qual fazem parte, pois com seu trabalho cotidiano buscam confortar, tanto física como espiritualmente, as pessoas que procuram soluções para problemas de saúde de ordem natural e não-natural, nesta última, doenças de cunho mágico-religioso, não consideradas pela gnosiologia médica.

O conhecimento terapêutico das mesmas constitui-se num processo em construção, geralmente iniciado com auxílio de parentes e pessoas próximas, que é ampliado no contato com outras pessoas de contextos socioculturais distintos e até mesmo pelo

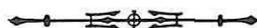
acesso a livros e informações veiculadas nos meios de comunicação. Garrafadas, simpatias e uso de animais para remédios foram citados durante este estudo como mecanismos eficientes para a cura de alguns problemas, no entanto, a composição desses remédios e o tempo de uso dependem de cada caso.

As plantas constituem o biorecurso mais usado pelas benzedeadas para um grande número de enfermidades, talvez pela ampla diversidade e distribuição; no entanto, várias espécies não-nativas da região são importadas periodicamente, o que denota pouco conhecimento da flora nativa da região com potencialidade medicinal. Os recursos oriundos de animais são menos acessíveis, pois, além de serem mais escassos, na maioria das vezes exige-se o abatimento dos mesmos para obtenção do remédio.

As informações obtidas oferecem indicativos do uso medicinal de recursos biológicos nativos ou exóticos, com dados capazes de subsidiar planos de manejo e conservação dos recursos em questão. Por outro lado, a exemplo de trabalhos realizados por diversos pesquisadores, dentre eles Cunha (1999), e pela fala das benzedeadas, há tendência de erosão desse saber tradicional de transmissão oral, das condições de produção desse conhecimento e dos veículos capazes de garantir sua manutenção, uma vez que as novas gerações tendem a se interessar menos pela aquisição desses saberes.

AGRADECIMENTOS

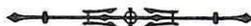
A Deus, fonte de vida e inspiração; meus familiares, especialmente meu esposo e filho por suportarem as ausências e me apoiarem em todos os momentos; ao professor Dr. Germano Guarim Neto, pelas orientações precisas; às benzedeadas de Alta Floresta, que gentilmente me receberam, sem as quais não teria sido possível a realização desse estudo; aos referees, pelas importantes sugestões que vieram a enriquecer este artigo.



REFERÊNCIAS

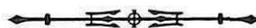
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. 2002. Uso de Recursos vegetais da Caatinga: o caso do agreste do Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). *Interciência*, v. 27, n. 6, p. 336-346.
- ALMEIDA, C. F. C. B. R.; ALBUQUERQUE, U. P. 2002. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): Um estudo de caso. *Interciência*, v. 27, n. 6, p. 276-285.
- AMOROZO, M. C. M. 1996. Abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas Medicinais: arte e ciência**, um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: EDUSP, p. 47-68.
- AMOROZO, M. C. M. 2002a. Medicina tradicional em Santo Antônio do Leverger, MT – a permanência de práticas antigas – o papel dos benzedores e suas habilidades. *Revista Saúde e Ambiente*, Cuiabá, v. 2, n. 1/2, p. 48-66.
- AMOROZO, M. C. M. 2002b. Uso e diversidade de Plantas Medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasílica*, v.16, n. 2, p. 189-203.
- AMOROZO, M. C. M. 2002c. Agricultura Tradicional, Espaços de Resistência e o Prazer de Plantar. In: ALBUQUERQUE, U. P. *et al.* (Orgs.). **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife: SBBE, p. 123-131.
- BANDEIRA, M. L. 2004. **Antropologia: Conceitos e Abordagens**. Cuiabá: Ed. UFMT, 64 p. Fascículo 02.
- BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; SILVANO, R. A. M. 2002. Ecologia Humana, Etnoecologia e Conservação. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. **Métodos de Coleta e Análise de Dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas**. Rio Claro: Universidade do Estado de São Paulo (UNESP), p. 93-128.
- BERLIN, B. 1992. **Ethnobiological Classification: Principles Categorization of Plants and Animals in Traditional Societies**. Princeton: Princeton University Press, p.199-231.
- BRAGANÇA, L. A. R. de. 1996. **Plantas Medicinais Antidiabéticas: uma abordagem interdisciplinar**. Niterói: Instituto Biomédico da Universidade Federal Fluminense, 300p.
- COSTA NETO, E. M. 1994. **Etnoictiologia alagoana com ênfase na utilização medicinal de insetos**. Maceió: universidade Federal de Alagoas, 192 p.
- CUNHA, M. C. 1999. Populações tradicionais e a conservação da diversidade biológica. *Estudos Avançados*, v. 13, n. 36, p. 147-163.
- DI STASI, L. C. 1996a. Conceitos Básicos na Pesquisa de Plantas Medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas Medicinais: Arte e Ciência**, um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: EDUSP, p.23-27.
- DI STASI, L. C. 1996b. Arte, Ciência e Magia. In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas Medicinais: Arte e Ciência**, um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: EDUSP, p.15-21.
- FERREIRA, J. C. V. 2001. **Mato Grosso e seus Municípios**. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação, Ed. Buriti, p. 363-365.
- GUARIM NETO, G. 1997. A importância da flora amazônica para uso medicinal. *Horticultura Brasileira*, v. 15, p. 159-161.
- LÉVI-STRAUSS, C. 1962. **O pensamento Selvagem**. São Paulo: Ed. Papirus, 331 p.

Recebido: 05/05/2003
Aprovado: 27/12/2004



Anexo 1. Plantas medicinais citadas pelas benzedadeiras de Alta Floresta, Mato Grosso.

FAMÍLIA BOTÂNICA	NOME VERNACULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE USADA	INDICAÇÕES
Alimastaceae	chapéu-de-couro	<i>Echinodorus grandiflorus</i> Mitch.	folhas	Doenças da pele, estômago, intestino, rins, infecção de bexiga, regularização da urina
Amaranthaceae	caruru	<i>Amaranthus viridis</i> L.	toda a planta	Febre, infecção do fígado, rins e bexiga
	terramicina	<i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Stuchlik	folhas	Todos os tipos de infecção, rachaduras nos pés e mãos e banho em feridas
Anacardiaceae	caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	casca e folha	Diabetes e infecção do útero
	manga	<i>Mangifera indica</i> L.	broto	Ressecamento e infecção intestinal, gripe e nevralgias
Apiaceae	coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L.	semente e folhas	Dor de cabeça, nevralgia, sinusite, circulação cerebral, cólicas intestinais e menstruais
	erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	sementes	Calmante, prisão de ventre e gases intestinais
Aquifoliaceae	erva-mate	<i>Ilex paraguariensis</i> A. St. -Hil.	folhas	Reanimação das forças corporais e do cérebro
Arecaceae	coco-da-Bahia	<i>Cocos nucifera</i> L.	pêlo da entrecasca	Hepatite, anemia e icterícia
	imbé	<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endlicher	toda a planta	Úlceras e reumatismo
Aristolochiaceae	cipó-mil-homem	<i>Aristolochia</i> sp.	cipó	Nevralgia, febre, desinflamação dos testículos, estabelece orgasmo feminino, regularização da ejaculação precoce, infecções de coluna e intestino
Asteraceae	alcachofra	<i>Vernonia condensata</i> Baker	folhas	Estômago, controle da glândula tireóide e salivares
	assa-peixe	<i>Vernonia ferruginea</i> Less.	raiz e folha	Gripe pulmonar, tosse, bronquite, hemorróidas, pontadas no peito e costas



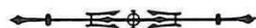
Anexo 1. Continuação.

FAMÍLIA BOTÂNICA	NOME VERNACULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE USADA	INDICAÇÕES
	bemeira	<i>Senecio brasiliensis</i> Less.	folhas	Derrame
	camomila	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert.	folhas e flores	Cólicas intestinais de crianças, vesícula e fígado
	camomila-amarga	<i>Tanacetum parthenium</i> (L.) Sch. Bip.	toda a planta	Fígado e pâncreas
	carqueja	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	folhas	Diabete, fígado, intestino, emagrecimento e vermes
	erva de São-João	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	toda a planta	Leishmaniose e todos os tipos de ferida, laxante
	figatil	<i>Vernonia condensata</i> Baker	folhas	Fígado
	fumo-bravo ou fumeiro-do-mato	<i>Elephantopus mollis</i> Kunth	folhas	Pontadas e pulmões
	girassol	<i>Helianthus</i> sp.	sementes	Banho para calmante
	losna	<i>Artemisia absinthum</i> L.	folhas	Cólicas intestinais de crianças
	margaridinha	<i>Coreopsis lanceolata</i> L.	flores	Sarna, coceiras
	neuralgia	<i>Achillea millefolium</i> L.	folhas	Febre, dores no corpo e nervo ciático
	picão	<i>Bidens pilosa</i> L.	toda a planta	Amarelão ou ictirícia
	ponta-lívi, artemigem	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	folhas	Vento virado
	quitoco-cheiroso	<i>Pluchea</i> sp.	toda a planta	Infecções ovarianas
Bignoniaceae	carobinha	<i>Jacaranda</i> sp.	folhas	Pedra na vesícula e rins
	ipê-amarelo	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S. Moore	casca	Úlcera, depurativo do sangue, coceira, inflamação de ovários e útero, neuralgia, sífilis, infecção da garganta e ácido úrico
Boraginaceae	confrei	<i>Symphytum officinale</i> L.	folhas	Cicatrizante de feridas
	crista-de-galo	<i>Heliotropium indicum</i> L.	folhas	Cobreiro



Anexo 1. Continuação.

FAMÍLIA BOTÂNICA	NOME VERNACULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE USADA	INDICAÇÕES
Brassicaceae	agrião	<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	toda a planta	Resfriado, pulmões, garrafada para câncer
	cenoura	<i>Daucus carota</i> L.	raiz	Vistas fracas e anemia
Burseraceae	emburana	<i>Bursera leptophlebos</i> Mart.	sementes	Infecção pulmonar, sinusite, gastrite e úlcera
Cactaceae	palma, cacto	<i>Nopalea cochenillifera</i> (L.) Lyons	folhas	hanseníase
Caesalpinaceae	cabo-verde	<i>Cassia</i> sp.	folhas	Resfriados
	copaíba	<i>Copaifera</i> sp.	casca e óleo	Todos os tipos de infecção, cólicas de umbigo de crianças e cicatrizante de feridas
	fedegoso	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	flores sementes raiz	Cólicas intestinais de crianças Anemia Gripe, diabetes
	jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	seiva e vinho casca	Leucemia Doenças da pele, amenia, leucemia, hepatite, vermes de cabeça vermelha, prevenção de aborto
	pata-de-vaca	<i>Bauhinia</i> sp.	folhas	Diuréticos, males do rim, depurativo e diabetes
	sene-do-campo, sena-do-campo	<i>Cassia corymbosa</i> (Lam.) H. S. Irwin & Barneby	folhas e raiz	Infecções ovarianas
	unha'danta	<i>Bauhinia forficata</i> Link.	casca	Úlcera e gastrite nervosa
Capparaceae	pau-d'alho	<i>Crataeva tapia</i> L.	casca	Reumatismo
Caprifoliaceae	sabugueira	<i>Sambucus australis</i> Cham & Schtdl.	flores	Cólicas intestinais de crianças, infecções e alergia da pele, catapora, sarampo, xarope para gripe e tosse
Caricaceae	mamão-macho	<i>Carica papaya</i> L.	flores	Xarope para gripe e tosse
Caryophyllaceae	cravo	<i>Tagetes erecta</i> L.	semente	Amígdalas, garganta, gripe, dor de dente



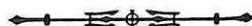
Anexo 1. Continuação.

FAMÍLIA BOTÂNICA	NOME VERNACULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE USADA	INDICAÇÕES
Cecropiaceae	embaúba	<i>Cecropia</i> sp.	raiz folhas	Úlcera, gastrite nervosa e infecção Urina, regula a pressão, asma, bronquite, gripe, pulmões e infecções ovarianas
Chenopodiaceae	mentruz, mastruz, erva-de-Santa-Maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	folhas e flores	Cicatrizante, vermífuga, infecção no organismo e nas juntas
Commelinaceae	jurema, penca-de- jurema ou penca-de- dinheiro	<i>Callisia repens</i> (Jacq.) L.	madeira e folha	Cobreiro e doenças da pele
Convolvulaceae	batata-doce	<i>Ipomea batatas</i> (L.) Poir.	rizoma	Reumatismo
Costaceae	cana-do-brejo	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	folhas	Diurética, sífilis, pedra na bexiga e inflamação nos rins
Cucurbitaceae	abóbora	<i>Curcubita pepo</i> L.	sementes folhas	Lombriga e solitária Infecção dos rins e dor de ouvido
	chuchu	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	folhas	Diminuição da pressão e prevenção de eclampsia do parto
	erva de São-Caetano ou melão de São- Caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	folhas e flores	Infecção do fígado, problemas cardíacos e grosseiro da pele
Cyperaceae	junco	<i>Eleocharis</i> sp.	rizoma	Estômago
Dilleniaceae	cipó-d'-água	<i>Dolioscarpus rolandrii</i> J. F. Gmel	folhas	Pedra nos rins
Euphorbiaceae	leiteira, leiteirinha	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	látex	Câncer
	nogueira	<i>Aleurites moluccana</i> Willd.	casca	Ressecamento intestinal
	quebra-pedra	<i>Phyllanthus</i> sp.	toda a planta	Pedra nos rins e vesícula
	sacaca	<i>Croton cajucara</i> Bth.	casca	Colesterol, emagrecimento e regularização glândula da tireóide
	sete-sangrias	<i>Cuphea</i> sp.	toda a planta folhas e flores	Depurativo do sangue, mal-estar no intestino e estômago Pressão alta



Anexo 1. Continuação.

FAMÍLIA BOTÂNICA	NOME VERNACULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE USADA	INDICAÇÕES
Fabaceae	feijão andú	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	toda a planta	Limpeza pulmonar, gripe, fortificante, tuberculose e câncer pulmonar
	mulungu ou corticeiro	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	casca	Calmante, fígado, prisão de ventre, dor de dente, hepatite
	sucupira	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	sementes	Infecções ovarianas
Lamiaceae	alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	folhas	Calmante, aceleração cardíaca, inflamações útero-ovarianas
	alfavaca	<i>Ocimum brasiliicum</i> L.	folhas e flores	Desincuba infecções internas, gripe e problema pulmonar
	alfazema	<i>Lavandula</i> sp.	folhas e flores	Cólicas intestinais de crianças
	boldo	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	folhas	Má digestão, dor no estômago
	cordão-de-frade	<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R. Br.	folhas e flores	Pedra nos rins, catarro na garganta
	hortelã	<i>Mentha piperita</i> L.	folhas	Cólicas intestinais de crianças e dieta quebrada
	hortelã-gordo	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	folhas	Gripes, vermes e calmante
	manjeriço	<i>Ocimum selloi</i> Benth.	folhas	Gripes, coração, banho de descarrego
	manjerona	<i>Origanum majorana</i> L.	folhas	Dores nas costas
	orégano	<i>Origanum vulgare</i> L.	folhas	Gases
	rubim	<i>Leonurus sibiricus</i> L.	folhas	Diarréia, fígado, digestão, quebras, depurativo e câncer de pâncreas
	Lauraceae	abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	folhas caroço
canela		<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	casca e folhas	Gripe, regula ciclo menstrual, abre o apetite, regula a pressão e elimina germes do couro cabeludo



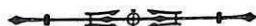
Anexo 1. Continuação.

FAMÍLIA BOTÂNICA	NOME VERNACULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE USADA	INDICAÇÕES
Leguminosae	escada-de-macaco	<i>Buhinia smilacina</i> (Schott) Steudel	cipó	Coração e sopro cardíaco
Liliaceae	alho	<i>Allium sativum</i> L.	fruto e palha	Benzimento, bronquite, gripe, pressão, areia e pedras na bexiga
	babosa	<i>Aloe vera</i> L.	folhas	Erisipela
	espada-de-São-Jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort.	folhas	Hemorróida, banho de descarrego
	salsaparrilha	<i>Smilax japecanga</i> Griseb.	folhas	Todos os tipos de infecção, doenças da pele e sangue
Loganiaceae	quina	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St. Hil.	madeira	Infecção de estômago, diabete, malária e hepatite
Lythraceae	mangava-brava	<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil.	casca	Emagrecedor e o chá após o parto evita estrias na barriga
Malpighiaceae	nó-de-cachorro	<i>Heteropterys pannosa</i> Griseb.	raiz	Inflamação do canal da uretra e da próstata e estimulante do apetite sexual
Malvaceae	algodão	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	toda a planta	Infecção feminina
	quiabo	<i>Hibiscus esculentus</i> L.	broto	Tosse e bronquite
	quiabo-roxo, vinagreira	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	semente, folhas e talos	Pulmões, alergia, bronquite, pneumonia e tuberculose
Menispermaceae	buta, bútua, abútua	<i>Cissampelos</i> sp.	raiz	Malária, enjôos, fígado e estômago, intestino, coluna e gripe
Mimosaceae	barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	casca	Infecção do aparelho reprodutor feminino, prevenção do câncer, cicatrização de feridas, estômago, úlcera e erisipela
	dorme-dorme	<i>Mimosa pudica</i> L.	raiz	Próstata
	juquiní	<i>Mimosa invisa</i> Mart. Ex Colla	raiz	Doenças da pele
	vinhático	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	madeira	Nervo ciático e tendão nervoso



Anexo 1. Continuação.

FAMÍLIA BOTÂNICA	NOME VERNACULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE USADA	INDICAÇÕES
Moraceae	amora	<i>Morus nigra</i> L.	folhas	Infecção na bexiga, garganta e rins e males do fígado
	figo	<i>Ficus carica</i> L.	folhas	Insônia de crianças
Musaceae	banana	<i>Musa paradisiaca</i> L.	casca e látex	Rachaduras de pés e mãos, gripe e pneumonia
Myristicaceae	noz-moscada	<i>Myristica fragrans</i> Houtt.	folhas e frutos	Estômago, intestino, coração, pulmão, vômito e azia
Myrtaceae	eucalipto	<i>Eucalyptus</i> sp.	folhas	Bronquite, asma, infecção na garganta, febre, gripe, diabetes, reumatismo, males da bexiga, dores no quadril
	goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	folhas	Diarréia e cicatrizante
	jabuticaba	<i>Myrciaria trunciflora</i> Berg.	casca do fruto	Estômago
Oxalidaceae	carambola	<i>Averrhoa carambola</i> L.	fruto e folhas	Diabetes e pâncreas
Passifloraceae	maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims	folhas	Diurético, calmante, contra insônia
Pedaliaceae	gergelim	<i>Sesamum indicum</i> DC.	sementes	Desincumba gripe, infecção pulmonar e da garganta
Phytolaccaceae	guiné	<i>Petiveria alliacea</i> L.	folhas	Reumatismo
			toda a planta	Infecção das vistas, cabeça, falta de memória, reumatismo, paralisia e dor de dente
Piperaceae	capeba	<i>Pothomorphe peltata</i> (L.) Miq	folhas	Infecções do aparelho reprodutor feminino
	jaborandi	<i>Piper tuberculatum</i> Jacq.	folhas	Infecção dos ossos, dores de cabeça e cólica menstrual
	pariparoba	<i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq.	folhas	Má digestão, fígado, pâncreas e biliar
Poaceae	capim-cidreiro, capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (D.C.) Stapf.	folhas	Calmante, estimula o suor e gases intestinais



Anexo 1. Continuação.

FAMÍLIA BOTÂNICA	NOME VERNACULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE USADA	INDICAÇÕES
Poaceae	milho	<i>Zea mays</i> L.	palha cabelo	Abaixa a pressão e regulariza a urina Diurético, infecção de bexiga e rins
	pé-de-galinha	<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	raiz	Infecção intestinal, xarope para gripe e tosse
	rabo-de-burro	<i>Cynodon dactylon</i> (L.) Pers.	folhas	Coluna e nervos
Polygonaceae	tansagem	<i>Plantago major</i> L.	folhas	Inflamação da garganta
Polypodiaceae	samambaia	<i>Polypodium</i> sp.	folhas	Ácido úrico, gota e hanseníase
Punicaceae	romã	<i>Punica granatum</i> L.	madeira e casca do fruto	Difteria, doenças infecciosas, garganta, hemorragias, doenças gastrointestinais e vias urinárias
Rosaceae	ameixa	<i>Eriobotrya japonica</i> L.	folhas	Solta o intestino
	cereja	<i>Prunus cerasus</i> L.	folhas	Infecção de útero e ovário
	rosa-branca	<i>Rosa</i> sp.	flores	Garganta inflamada, pele, solta intestino de crianças, laxante e calmante infantil
Rubiaceae	café	<i>Coffea arabica</i> L.	folhas	Contra febre e convulsão
	douradinha	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth	folha e madeira	Depurativo do sangue e infecções de útero e ovário
	jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	folhas	Cicatrizante, contra infecção, ferida no útero, hemorragia pós-parto
Rutaceae	amuda	<i>Ruta graveolens</i> L.	folhas	Vermes, gases intestinais, neuralgias, circulação, zumbido no ouvido e dieta quebrada
	guarantã	<i>Esenbeckia leiocarpa</i> Engl.	casca	Fígado, malária e intoxicação por veneno
	laranja	<i>Citrus</i> sp.	folhas	Dores musculares, indigestão, cólicas, resfriado, nervosismo e calmante para o coração

Anexo 1. Continuação.

FAMÍLIA BOTÂNICA	NOME VERNACULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE USADA	INDICAÇÕES
Rutaceae	lima	<i>Citrus aurantifolia</i> Swingle, var. Lima	folhas raiz casca madeira	Anemia Reumatismo Reumatismo, bursite, inchaço do corpo Febre, diurético, aumenta a pressão, convulsão, estômago, rins e bexiga
Sapindaceae	guaraná	<i>Paullinia cupana</i> Kunth.	folhas	Hemorragia, diarreia e urina solta
Scrophulariaceae	vassourinha ou guaxuma	<i>Scoparia dulcis</i> L.	toda a planta	Bronquite, cólicas menstruais, digestão, amarelão, abaixa a pressão e garrafada para câncer
Solanaceae	jiló	<i>Solanum gilo</i> Raddi	fruto	Pedra na vesícula
Sterculiaceae	cacau	<i>Theobroma cacao</i> L.	sementes	Vermes
Verbenaceae	erva-cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.	folhas	Calmante
	gervão	<i>Stachytarpheta jamaicensis</i> (L.) Vahl	folhas	Dores de fígado e estômago, infecção de útero e ovário, febre e diurético
Violaceae	amor-perfeito	<i>Viola odorata</i> L.	folhas	Lombriga aguada
Vitaceae	insulina	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicholson & C. E. Jarvis	folhas	Diabete
Zingiberaceae	açafrão	<i>Curcuma longa</i> L.	rizoma folhas	Anemia Depurativo do sangue, estômago e contra vômito
	gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	rizoma	Gripe, tosse e pneumonia

Anexo 2. Animais utilizados com finalidade medicinal, de acordo com as benzedeiças pesquisadas.

FAMÍLIA	NOME VERNACULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE UTILIZADA	INDICAÇÃO TERAPÊUTICA
Apidae	Abelha Jataí	<i>Tetragonisca angustula</i>	mel	Resfriado e pulmões
Tapiridae	Anta (macho)	<i>Tapirus terrestris</i>	órgão sexual	Impotência sexual masculina
Bovidae	Boi, vaca	<i>Bos taurus</i>	chifre	Lombriga aguada
			osso do fêmur	Fortalece o fêmur e auxilia a postura ereta
Hydrochoeridae	Capivara	<i>Hydrochaeris hydrichaeis</i>	banha e ossos	Reumatismo
Termitidae	Cupim-preto	Não Identificado	todo o inseto	Diabetes
Phasianidae	Galinha	<i>Gallus gallus domesticus</i>	banha	Bronquite, gripes, tônico para o couro cabeludo
	Galo	<i>Gallus gallus domesticus</i>	sangue-da-crista	Dentição saudável
	Galinha/galo		pena	Vômitos e desmaios
			pó-de-osso	Falta de cálcio, cicatrização de quebras e osteoporose
Crocodylidae	Jacaré	<i>Caiman</i> sp.	casco	Hemorroidas e reumatismo
Erythizontidae	Ouriço, luís caxero	<i>Coendon</i> sp.	espinho	Restitui os ossos do corpo e cura bico de papagaio
Piscidae	Peixe	Qualquer espécie	espinha torrada e moída	Restitui os ossos do corpo e cura bico de papagaio
		Qualquer espécie	escama	Restitui a deficiência de cálcio no organismo
Ofidae	Sucuri	<i>Eunectes murinus</i>	banha	Reumatismo



Anexo 3. Glossário dos Males Tratados Pelas Benzedei­ras

- **Ar-no-sangue** – Dores no corpo e alterações no comportamento provocadas por mudanças na temperatura e nos ventos que podem trazer "coisa ruim" à pessoas predispostas.
- **Cobreiro** – Afecção na pele causada pelo contato com substâncias expelidas por animais considerados peçonhentos como aranhas, sapos e lagartixas.
- **Erisipela** – Tipo de afecção de pele causada por *Streptococcus*.
- **Espin­hela caída** – Estados mórbidos causados por mudanças no processo xifóide do esterno.
- **Lombriga assustada** – Refere-se diretamente a crianças que, possuindo alto grau de infestação por verminoses, se sentem indispostas e pálidas. Em geral, as benzedei­ras indicam o uso de chás de plantas vermífugas, como a erva-de-Santa-Maria e hortelã.
- **Mal-de-simioto** – De acordo com a nosografia das informantes, é uma doença que acomete principalmente as crianças, com a característica de fazer a pele grudar nos ossos, deixando o doente com aparência de macaco. Benze-se a pessoa por dez dias, massageando-lhe o corpo com óleo de oliva.
- **Mau-jeito/destroncado** – Referem-se à luxação e torcedura em qualquer parte do corpo.
- **Mau-olhado** – É transmitido por pessoas invejosas, de energia negativa, que cobiçam coisas alheias. Atinge pessoas e animais podendo levá-los à morte se não forem benzidos. Objetos também podem ser vítimas de mau-olhado e, nesse caso, serão motivos de desgraças e constrangimentos ao proprietário.
- **Quebrante** – É também sinônimo de mau-olhado e usura, de acordo com as benzedei­ras pesquisadas. Ataca principalmente crianças e mais raramente jovens e adultos. Em crianças pequenas observa-se que estão acometidas desse mau quando a moleira está baixa, ou seja, há um afundamento da fontanela, já em jovens e adultos, por estados de sonolência e indisposição na execução das atividades diárias. É provocado involuntariamente por pessoas de "olho ruim" que admiram profundamente aquela criança ou adulto.
- **Susto** – Relaciona-se à lombriga assustada, citada anteriormente.
- **Umbigo** – Benzimento que se faz na maioria das vezes aliado ao uso de emplastes de plantas em recém-nascidos para que o umbigo caia sem provocar nenhum processo infeccioso local, prevenindo que o recém-nascido tenha cólicas provocadas por umbigo mal cicatrizado.